

# Metáfora y materia: propuesta para o concurso Pavilhão Eco 2023

Materia Prima,  
[entre escalas] e VIA MX

Localizado na Cidade do México, o Museo Experimental El Eco possui um programa de intervenções arquitetônicas temporárias no pátio do museu desde 2010, como parte de sua programação expositiva. Nesta última edição (2023), foram enviados 172 portfólios por meio de uma convocatória aberta, na qual o comitê técnico fez a seleção para a participação de sete equipes. Mathias Goeritz aproveitou a ocasião de inauguração do museu em 1953 para declarar o Manifesto de Arquitetura Emocional. O museu foi concebido como um espaço expositivo e de integração entre Arte e Arquitetura. A curadora desta edição foi a arquiteta Gabriela Carrillo, cujo tema do pavilhão era: "Tempo Zero: uma reflexão sobre o tempo, o Antropoceno e a resistência tangencial". A curadora indaga temas como, o modelo de produção e consumo como causas da crise climática e da destruição da natureza, toma como ponto de partida o tempo, a crise e o lúdico para convocar exercícios de transformação do espaço que questionem as nossas formas de habitar. Metáfora y materia foi a nossa proposta apresentada para o concurso Pabellón Eco 2023.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura; matéria; tempo.

"METÁFORA Y MATERIA": PROPUESTA PARA EL CONCURSO PABELLÓN EL ECO 2023

Ubicado en la Ciudad de México, el Museo Experimental El Eco cuenta desde 2010 con un programa de intervenciones arquitectónicas temporales en el patio del museo, como parte de su programa de exposiciones. En esta última edición (2023), se presentaron 172 portafolios a través de una convocatoria abierta, en la que el comité técnico seleccionó a siete equipos para participar. Inaugurado en 1953, Mathias Goeritz aprovechó la ocasión para declarar el Manifiesto de Arquitectura Emocional. El museo se concibió como un espacio para exponer e integrar arte y arquitectura. La curadora de este año fue la arquitecta Gabriela Carrillo, cuyo tema del pabellón fue Tiempo Cero: una reflexión sobre el tiempo, el Antropoceno y la resistencia tangencial (Tempo Zero: una reflexión sobre o tempo, o Antropoceno e a resistência tangencial). La curadora explora cuestiones como el modelo de producción y consumo como causantes de la crisis climática y la destrucción de la naturaleza, tomando el tiempo, la crisis y lo lúdico como punto de partida para convocar ejercicios que transformen el espacio y cuestionen nuestras formas de vivir. "Metáfora y materia" fue nuestra propuesta para el concurso Pabellón Eco 2023.

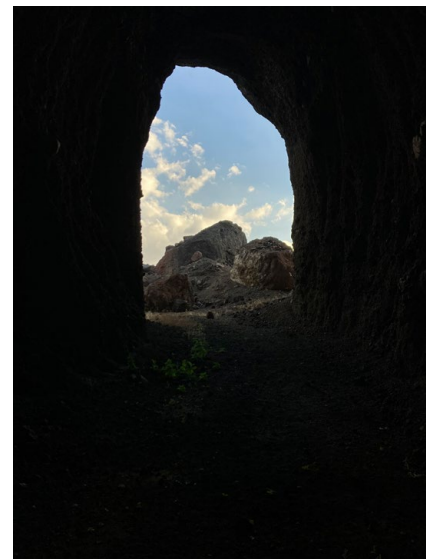
PALABRAS CLAVE: arquitectura; materia; tiempo.

METÁFORA Y MATERIA: PROPOSAL FOR THE EL ECO 2023 PAVILION COMPETITION

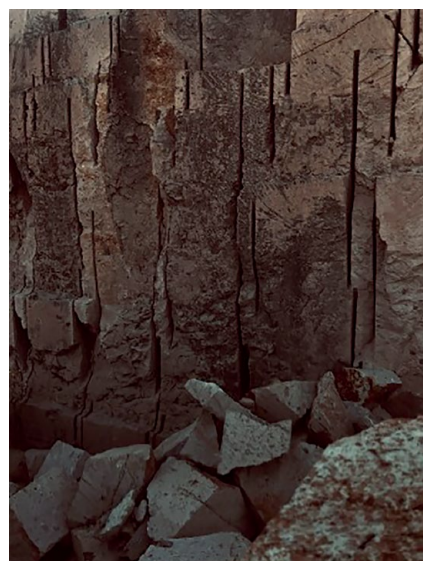
Located in Mexico City, the Museo Experimental El Eco has hosted a program of temporary architectural interventions in its courtyard since 2010, as part of its exhibition program. In this latest edition (2023), 172 portfolios were submitted through an open call, with the technical committee selecting seven teams for participation. Inaugurated in 1953, Mathias Goeritz seized the opportunity to declare the Emotional Architecture Manifesto. The museum was envisioned as a space for exhibitions and the integration of art and architecture. The curator for this edition was architect Gabriela Carrillo, whose pavilion's theme was "Zero Time: a reflection on time, the Anthropocene, and tangential resistance" (Tempo Zero: uma reflexão sobre o tempo, o Antropoceno e a resistência tangencial). The curator addresses issues such as the production and consumption model as causes of the climate crisis and nature's destruction, taking time, crisis, and playfulness as starting points to call for exercises that transform spaces and question our ways of living. Metáfora y materia was our proposal for the Pabellón Eco 2023 competition.

KEYWORDS: architecture; material; time.





Pedra, terra, cova



### Capítulo 1: A mitologia da pedra

A pedra é o fundamento, o substrato lítico do pensamento para a realização desta intervenção. São camadas e camadas de pó, partículas de matéria pétreia composta de milhões de pequenos cristais. Foi lava expulsa do centro da terra, foi lama, foi fogo sob a forma de faíscas que formaram o mundo e as galáxias. A pedra como dicotomia entre o atemporal e o contraditoriamente duradouro, algo que é composto por estratos de tempo e matéria, um elemento que recusa e resiste a ser um instrumento de memória, mas é o próprio tempo.

Escolher a pedra como material básico para a construção deste espaço é uma força motriz para investigar o estado do material, é o vestígio de um momento, de um lugar, é um fragmento que através de uma composição escultórica nos fala de uma paisagem lítica.

Neste espaço arquitetônico coexiste tudo o que é humano e, ao mesmo tempo, montanha, rocha e lugar. Esta peça é metáfora e matéria.

As pedras falam em alegorias: dizemos que algo está "escrito em pedra", quando é definitivo; dizemos "coração de pedra", quando alguém é duro, inquebrável; dizemos "tropecei na mesma pedra", porque seria impossível que acontecesse o contrário. E dizemos "se as pedras pudessem falar", porque só sem uma voz é que poderíamos falar a verdade. Guardamo-las para nos refugiar-mos nelas.

Damos-lhes nomes, catalogamos, escalamos, apanhamos, quebramos. Acomodamo-las para andar sobre elas, para atravessar abismos. Amon-toamo-las para erguer barreiras, barricadas, muros inquebráveis.

Sobreviventes de ebulições e incandescências, de pressões inexplicáveis, de golpes e combustão rápida, expulsas, sedimentadas, corroídas, daí a beleza assimétrica deste material que hoje veneramos no centro de um pátio experimental.

Esta acumulação de pedras nasce num ponto específico, nas coordenadas 41.3481; 22.22602 naquele lugar conhecido como Aculco, cujo significado em *nahuatl* se refere ao lugar onde a água torce.

Nele encontramos a nossa matéria-prima, a construção-destruição de um ambiente específico combinado com o domínio de extração e da modelagem, capaz de dar à pedra uma dimensão estética que a dotam de uma acumulação complexa de significados.

A pedreira está localizada próxima da cascata Tixhiñu, cuja formação de colunas balsáticas cria uma espécie de estrada com gigantes líticos que conformam a paisagem até as profundezas. O acesso se dá através de uma ponte, onde outras pedreiras também operam, seis para sermos mais preciso, de acordo com a última edição do diretório de minas ativas no Estado do México. A Pedreira de San Joaquín, com rochas de cores branca, castanho, cinzenta, laranja, rosa e verde, registra atividades de extração, corte, laminação e venda; e está a cargo de uma família aculqueña há mais de três gerações. Esta extração de matéria, este fragmento de pedra, é o que decidimos usar como módulo para a conformação de um elemento arquitetônico onde cada unidade é sobreposta uma acima da outra, permitindo que a gravidade e o peso do próprio material formem uma passagem/caverna no seu interior.

Ironicamente, essa caverna será formada por fragmentos que foram extraídos da paisagem e que, ao longo do tempo, deixaram esses vazios que nos lembram templos antigos escalonados que estão sendo demolidos e construídos ao mesmo tempo.

O tufo são rochas ígneas porosas leves constituídas de cinzas vulcânicas consolidadas.

### Capítulo 2: A caverna

Há muito tempo que deixamos o Neolítico, e encontramos num futuro mais apocalíptico do que pensávamos, como Platão diria sobre a humanidade no século XXI: "Será que já saímos da caverna?"

Ao contrário do óbvio, esta caverna não é o resultado de uma busca primordial. Esta gruta é um limiar.

Uma passagem para outros mundos, uma nova forma de ver e sentir.

A caverna neste caso serve de metáfora para processos de representação, não só devido à unidade da pedra, cujos dois lados estão perfeitamente cortados, e os outros dois ficam com uma superfície irregular da sua própria materialidade.

Esta caverna é um desenho expandido, uma textura gigantesca que alude ao interior, ao fundo do pensamento humano, como uma alegoria também de tudo o que é desconhecido e ao mesmo tempo é uma montanha que fala do horizonte, de uma paisagem que pode ser habitada.

Convidamos todos a realizar um encontro espacial com o pátio, convidando-os a entrar na gruta, como este templo abstrato que pode ser percorrido a pé.

A caverna não é nada sem o solo que a sustenta. E esta terra da qual nos erguemos, é uma metáfora do nosso presente, a terra árida representa a matéria inerte do que nos tornamos.

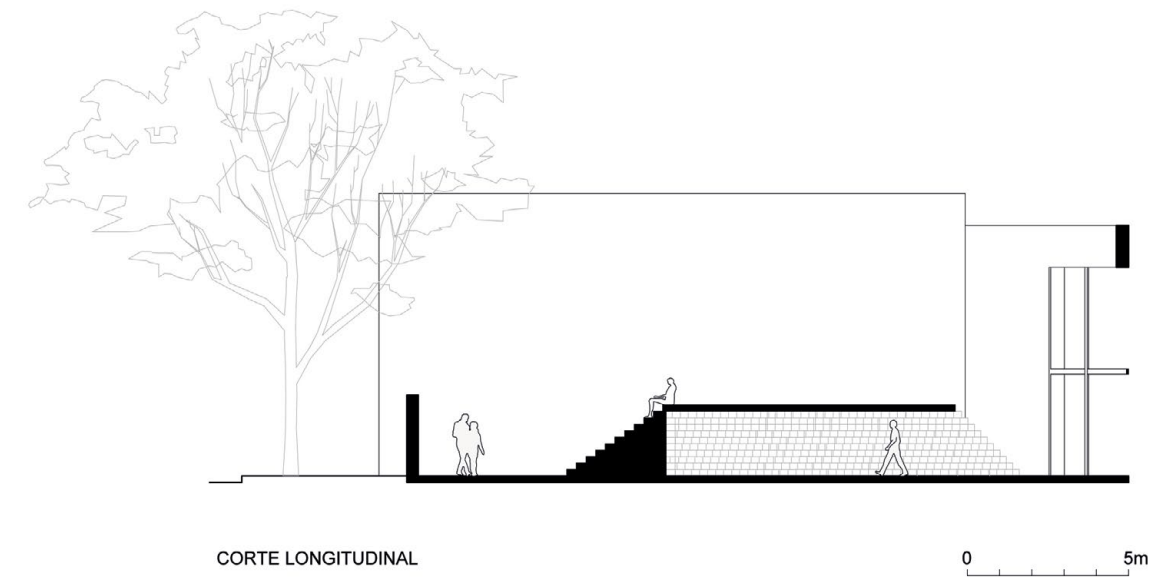
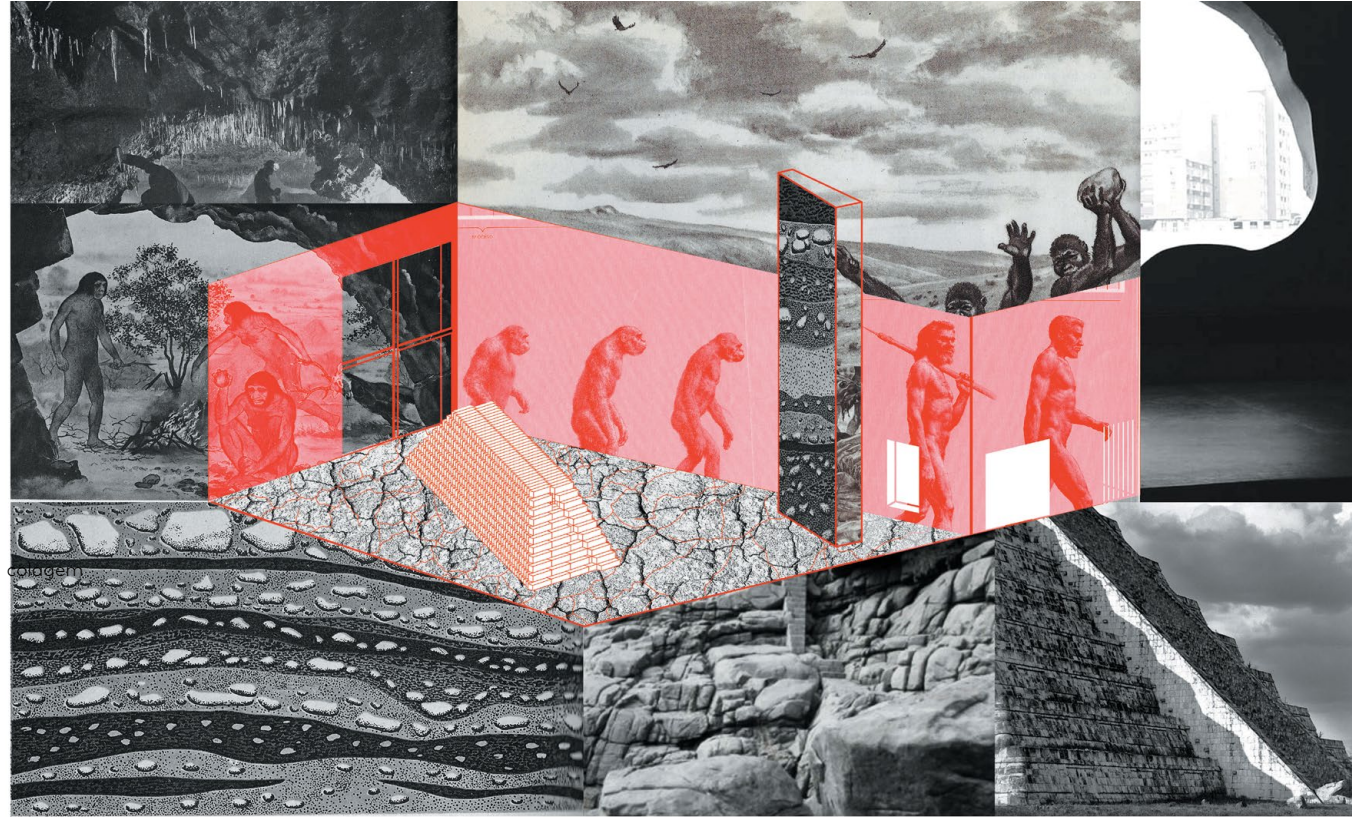
A forma física da terra rachada nos faz pensar no futuro que chegou sob a forma de crise climática, a sua ontologia é mais complexa, tanto pelas suas ligações com as ações humanas como pelo seu terrível paradoxo em que o ser humano alcançou tal progresso científico e tecnológico, que é diretamente proporcional à sua desconexão com a terra e o ambiente que nos rodeia.

### Capítulo 3: A proposta

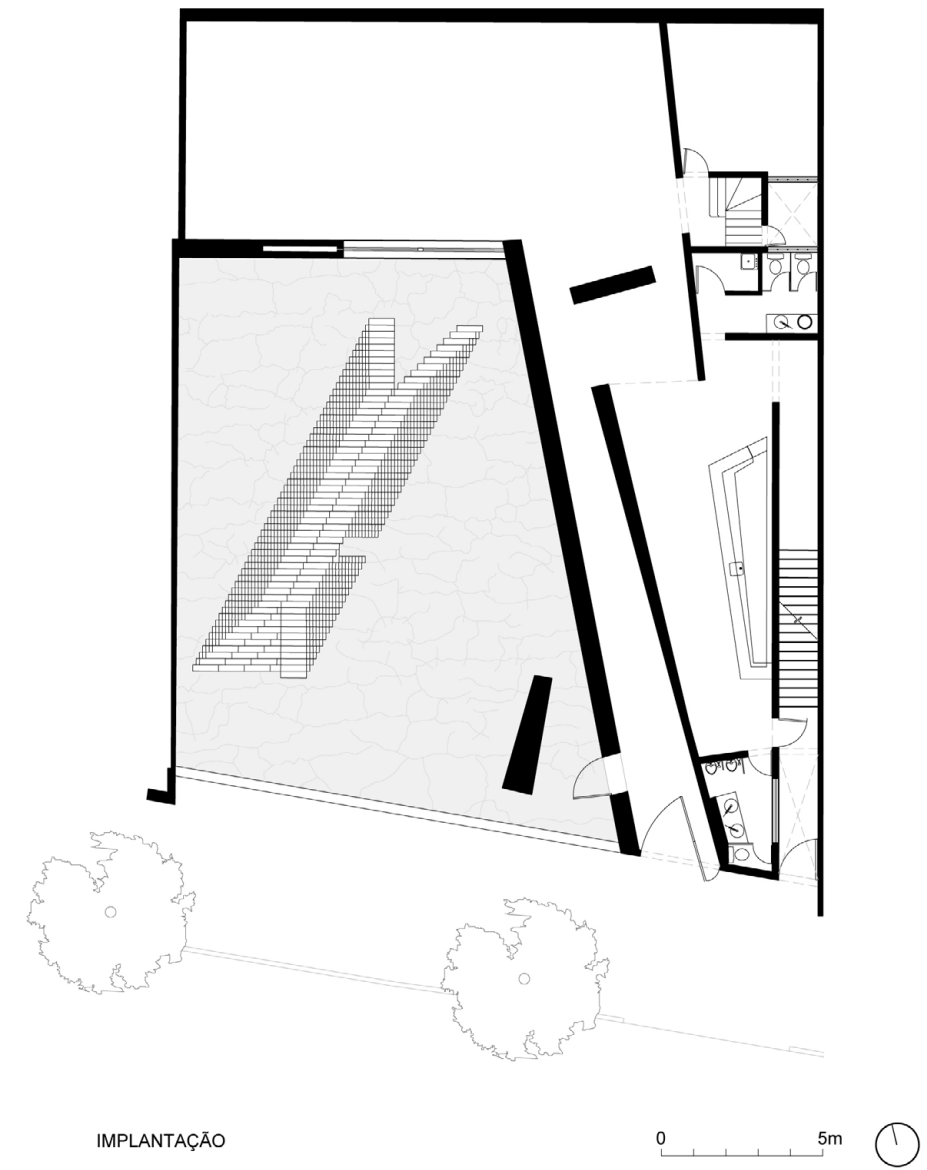
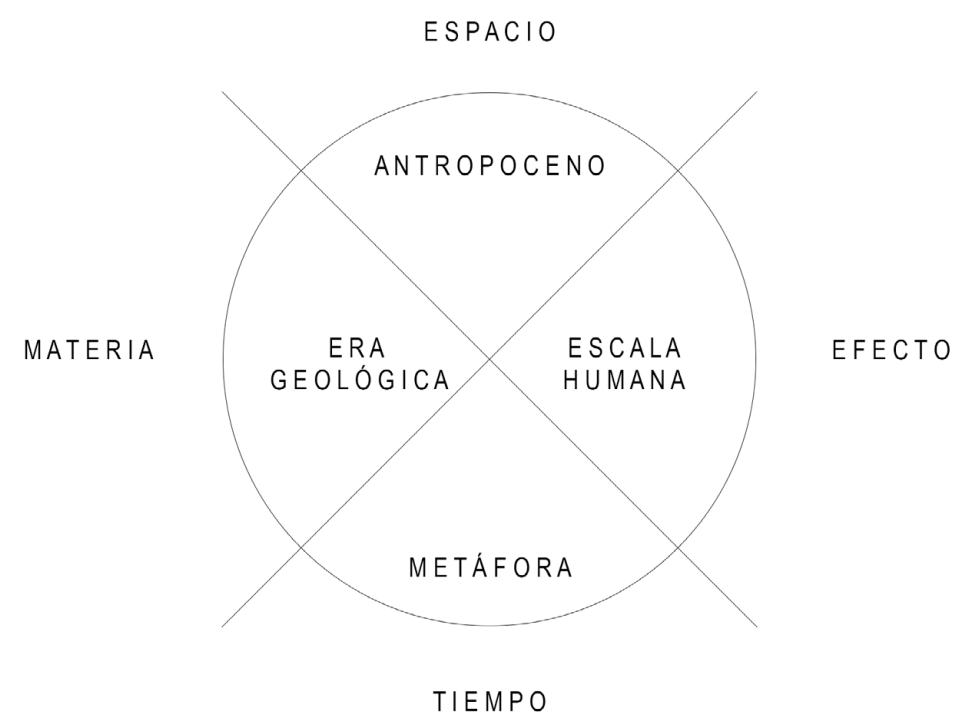
A nossa proposta para o Pavilhão Eco 2023 é constituída pelas dualidades dos elementos: pedra/matéria; terra/tempo

A materialidade do elemento arquitetônico no centro do pátio é formada por 1.200 pedras de tufo rosa de 20x20x80 cm com duas faces perfeitamente alinhadas, sendo mantidas a forma original nas demais faces. Permitindo assim o empilhamento em onze níveis escalonados ao mesmo tempo em que permite a entrada de luz, proporcionado um jogo de luzes dentro da gruta. Sua disposição forma também um "falso arco" de acesso ao interior que em seu final contempla uma fenda.

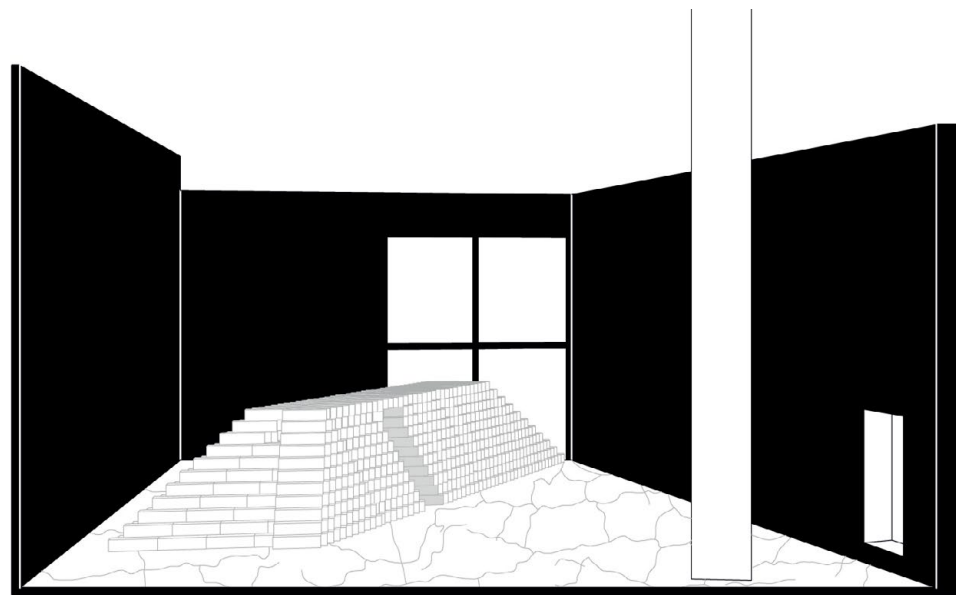
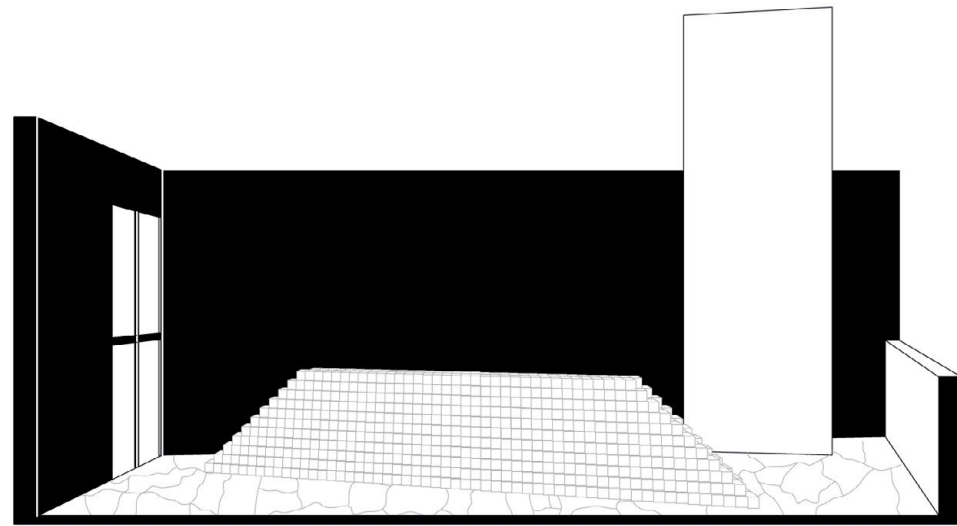
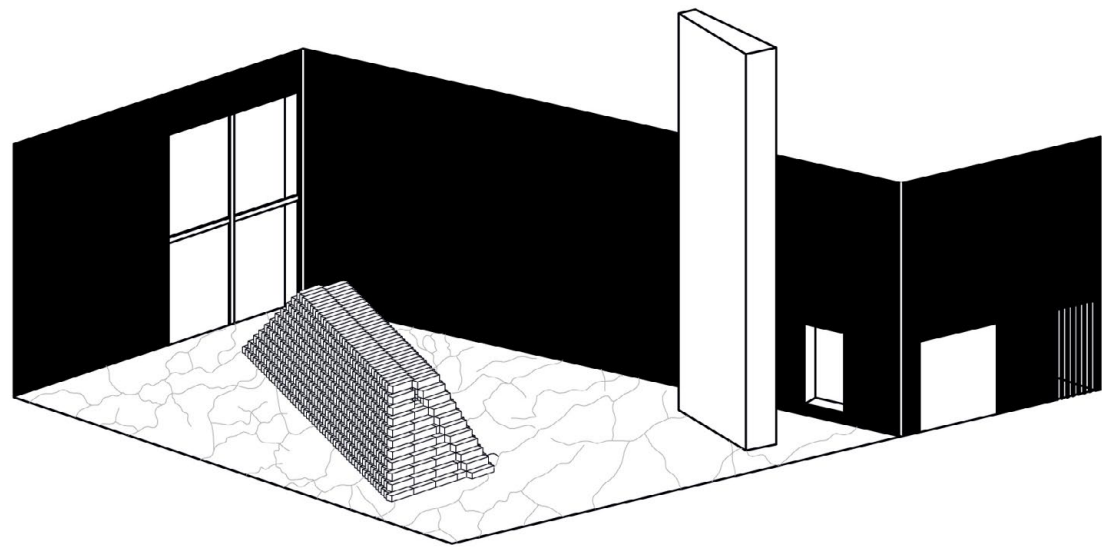
Para o chão, a proposta é cobrir o pátio com uma mistura de terra e água no início, que com o tempo secará e criará rachaduras em sua superfície, gerando uma textura que também nos fala da passagem do tempo.



CORTE LONGITUDINAL 0 5m



IMPLANTAÇÃO 0 5m





#### REFERÊNCIAS

CAILLOIS, Roger. *Piedras y otros textos*. Madrid: Siruela, 2011.

CASTRO, Eduardo Viveiros de Castro; DANOWSKI, Débora. *Há um mundo por vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Desterro, Cultura e Barbárie e Instituto Socioambiental, 2014.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2020.

#### AUTORES

Erika Rivera Loana é arquiteta multidisciplinar formada pela UNAM, com experiência em gestão de projetos museográficos, produção de arte e pesquisa arquitetônica. É mestre em Conservação do Patrimônio pela Escola Nacional de Restauração e Museografia ENCRYM (2021). Foi bolsista do FONCA em Jovens Criadores (2012) e FONCA-Coinvestimentos (2022). Atualmente, é Coordenadora de Produção e Museografia no Museu Jumex e desenvolve o projeto *Matéria Prima*, uma pesquisa crítica que registra e visibiliza a extração de matéria-prima utilizada na indústria da construção.

Marina Panzoldo Canhadas é arquiteta e urbanista formada pela Universidade Mackenzie (2008), com intercâmbio na TU/e, Holanda (2008), com especialização no curso Geografia, Cidade e Arquitetura na Escola da Cidade (2010) e mestre em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP (2018). Fundadora do escritório de arquitetura, expografia e desenho de mobiliário [entre escadas], São Paulo (2018). Professora na Escola da Cidade (2015-2021/2024).

Antonio Chilaquil nascido na Cidade do México, é arquiteto multidisciplinar formado pela UNAM. Colaborou nos seguintes escritórios de arquitetura: Tatiana Bilbao Estudio, Frida Escobedo, Alberto Kalach – TAX, PRODUCTORA. Atualmente colabora em projetos arquitetônicos e artísticos no México, EUA e Espanha através do VIA MX.

#### EQUIPE

Erika Loana, Marina Canhadas e Antonio Chilaquil

Proposta para o concurso *Pabellón Eco 2023*. Museo Experimental El Eco, Cidade do México.

Cidade do México, México, 2023.